

O Busto do Duque de Lafões na Academia das Ciências de Lisboa

Justino Mendes de Almeida

Henrique de Campos Ferreira Lima foi um laborioso erudito que nos deixou interessantíssimos trabalhos de cultura portuguesa variada, quer em monografias de fundo, quer em estudos menores, mas ainda assim de muito mérito. Destes, lembramos hoje o que publicou, sob a forma de notícia histórica, acerca do busto de D. João Carlos de Bragança, 2º Duque de Lafões, (Coimbra, 1925) existente na Academia das Ciências, de que foi fundador e primeiro Presidente. Lembre-se que, nesse mesmo ano, Ferreira Lima dedicou a Joaquim Machado de Castro um volume de 400 páginas, que lhe dá direito a ser considerado o mais profundo estudioso da biobibliografia do célebre escultor conimbricense. Nele se lê, a p. 315-316, uma carta a Sebastião Francisco de Mendo Trigoso acerca da “obra do Busto”.

Pela análise da documentação pertinente, Ferreira Lima permite concluir:

a) A deliberação de homenagear o Duque de Lafões, após a sua morte, com a execução de um busto, foi tomada em sessão da Academia de 20 de Junho de 1814, por proposta, pensa-se, de Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, por subscrição entre os sócios da Academia;

b) O trabalho foi confiado ao escultor Joaquim Machado de Castro que ofereceu um pedaço de *Massa-de-Carrara*, uma vez que “as pedras de Itália, que na dita Alfândega existem” não serviam para o efeito;

c) Machado de Castro, pela sua idade e “reduzido a uma espécie de entrevação”, socorreu-se do seu melhor discípulo, o escultor Faustino José Rodrigues: “Machado de Castro fez o modelo do busto e tirou em gesso a forma do mesmo modelo para servir de exemplar na sua execução em mármore, que foi desbastado por um operário... a execução do busto, em mármore, foi efectuada, sob a direcção e segundo as indicações do notável

artista conimbricense..., por Faustino José Rodrigues (na declaração das despesas com o busto são um pouco diversas as palavras de Machado de Castro: “Ao meu substituto pelos retoques que deu no dito busto; como escultor e em metal – 24\$000.”).

d) O busto foi colocado num pedestal de madeira, obra do entalhador Tomás de Aquino, substituído em 1866 por um de mármore, sendo Presidente da Academia el-rei D. Fernando II;

e) O escultor Machado de Castro, que entretanto fora admitido como sócio da Academia e realizara todo o seu trabalho graciosamente, foi homenageado com a oferta de uma medalha de ouro, mandada cunhar pela Academia, e de um exemplar da obra *Annaes do Museu e da Escola Moderna das Bellas Artes*;

f) O busto deve ter sido inaugurado, ao que parece, na sessão de 24 de Junho de 1817, e o seu custo global, suportado pela contribuição dos Académicos, repito, foi de 87\$190.

Como se disse, em 1866, Sua Majestade o rei D. Fernando, então Presidente da Academia, mandou substituir a peanha, que hoje serve ao modelo, existente na Academia, da estátua equestre de D. Pedro IV, que está na Praça de D. Pedro, no Porto, por um pedestal de mármore, no qual se mandou gravar em tempos de D. Luís, uma inscrição latina cuja redacção foi solicitada ao Senhor Visconde de Castilho que declinou o encargo; o texto acabou por ser redigido por António José Viale, príncipe de latinistas e, sobretudo, de helenistas na época. É a inscrição seguinte:

JOANNIS CAROLI A BRAGANTIA
ALAFONENSIS DUCIS
AVIS EDITI REGIBUS
ANNO SALUTIS MDCCXIX NATI
MDCCCVI DEMORTUI
BELLICA VIRTUTE
MILITARIBUS DISCIPLINIS
OMNIBUS ARTIBUS INGENUIS
DOMI ET APUD EXTERAS GENTES
CLARISSIMI

INGENIORUM FAUTORIS MUNIFICI
HANC EFFIGIEM
OLIM A JOACHIMO MACHADO DE CASTRO SCULPTAM
REGNANTE LUDOVICO I
REGE FERDINANDO II PRAESIDE
REGIA SCIENTIARUM OLYSSIPONENSIS ACADEMIA
TANTI VIRI FUNDATORIS SUI
NON IMMEMOR
HEIC PONENDAM CURAVIT
ANNO MDCCCLXVI

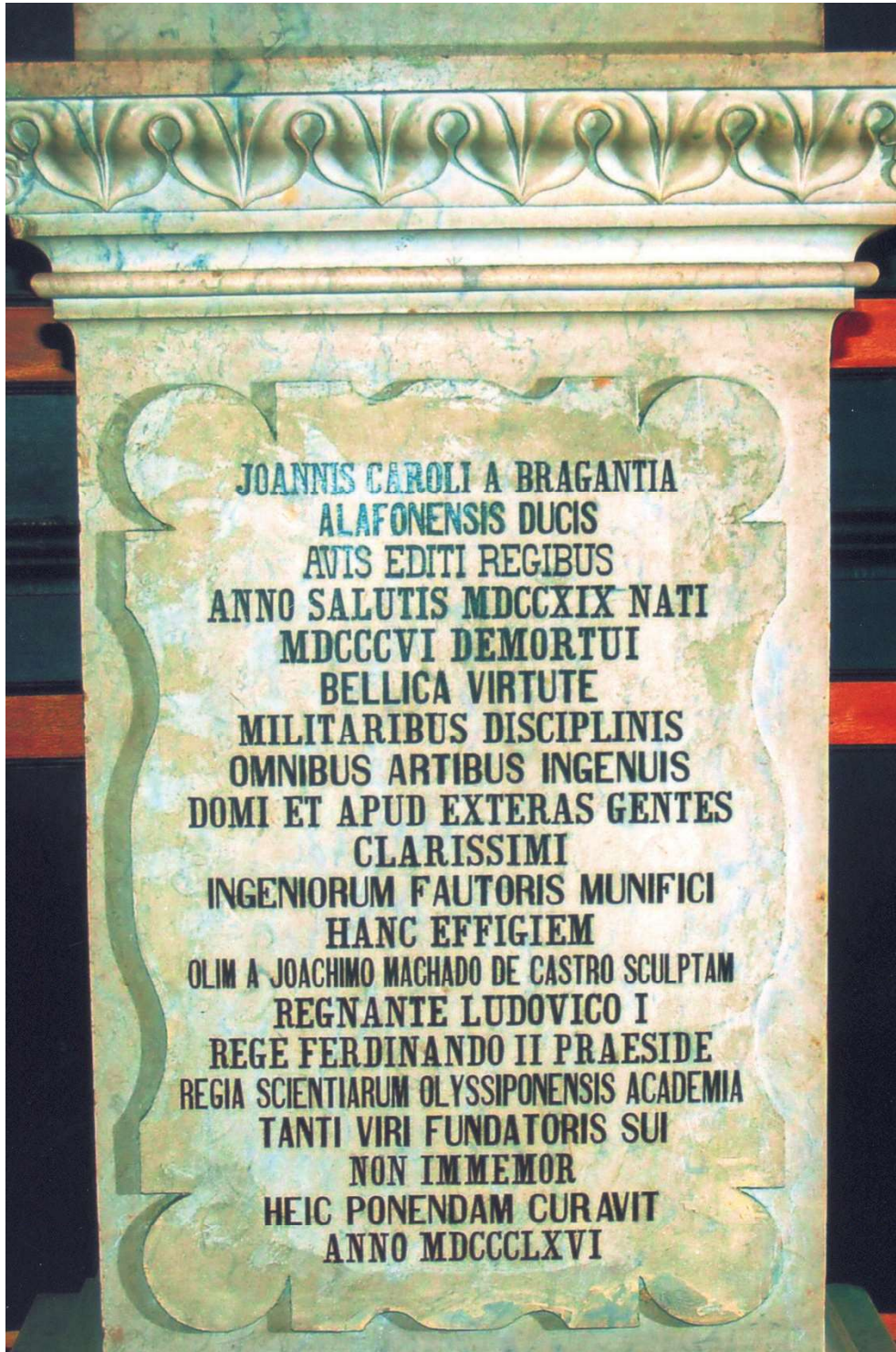
O texto do emérito latinista, cuidadosamente gravado, suscita-nos, porém, um comentário: a grafia OLYSSIPONENSIS contém um duplo erro no uso do *ípsilon* em vez de *i*, e de dois *esses*, em vez de *s*. É possível que Viale estivesse também convencido da ideia então corrente da fundação de *Olisipo* por *Ulisses*, mito que, transmitido desde a Antiguidade, a moderna ciência filológica pulverizou.

Note-se a influência de Horácio, na dedicatória da ode I do Livro I a Mecenas, na redacção da 3.^a linha do texto de Viale, e ainda o uso do arcaísmo HEIC, na penúltima linha, por certo para dar à inscrição maior sabor a antiguidade.

São Martinho do Porto, 9 de Agosto de 1997



JOANNIS CAROLI A BRAGANTIA
ALAFONENSIS DUCIS
AVIS EDITI REGIBUS
ANNO SALUTIS MDCCXIX NATI
MDCCCVI DEMORTUI
BELLICA VIRTUTE
MILITARIBUS DISCIPLINIS
OMNIBUS ARTIBUS INGENIJS
DOMI ET APUD EXTERAS GENTES
CLARISSIMI
INGENIORUM FAVORIS MUNIFICI
HANC EFFIGIEM
OLIM A JOACHIMO MACHADO DE CASTRO SCULPTAM
REGNANTE LUDOVICO I
REGE FERDINANDO II PRAESIDE
REGIA SCIENTIARUM OLYSSIPONENSIS ACADEMIA
TANTI VIRI FUNDATORIS SUI
NON INMEMOR
HEIC PONENDAM CURAVIT
ANNO MDCCCLXVI



JOANNIS CAROLI A BRAGANTIA
ALAFONENSIS DUCIS
AVIS EDITI REGIBUS
ANNO SALUTIS MDCCXIX NATI
MDCCCVI DEMORTUI
BELLICA VIRTUTE
MILITARIBUS DISCIPLINIS
OMNIBUS ARTIBUS INGENUIS
DOMI ET APUD EXTERAS GENTES
CLARISSIMI
INGENIORUM FAUTORIS MUNIFICI
HANC EFFIGIEM
OLIM A JOACHIMO MACHADO DE CASTRO SCULPTAM
REGNANTE LUDOVICO I
REGE FERDINANDO II PRAESIDE
REGIA SCIENTIARUM OLYSSIPONENSIS ACADEMIA
TANTI VIRI FUNDATORIS SUI
NON IMMEMOR
HEIC PONENDAM CURAVIT
ANNO MDCCCLXVI